

O povoado rural (Qarya) dos Alcariaais de Odeleite¹

Filipe João Carvalho dos Santos*

.....

Resumo

As ruínas dos Alcariaais de Odeleite situam-se nas proximidades da povoação de Odeleite, Castro Marim, no Algarve Oriental. Trata-se de um povoado islâmico, *Qarya*, de grandes dimensões, não fortificado, que se estende ao longo de encostas suaves e topos aplanados de pequenos cerros, alguns com grande domínio visual e próximos de uma importante linha de água, a ribeira de Odeleite.

A escavação arqueológica permitiu a identificação de uma série de estruturas relativamente bem preservadas relacionadas com contextos habitacionais, sendo de destacar a escavação integral de seis casas de pátio. Outras estruturas relacionam-se directamente com uma economia essencialmente agro-pastoril da comunidade que habitou esta Alcária, falamos em concreto de um cercado, de estruturas de armazenagem e eventuais currais.

Pelos materiais arqueológicos exumados, na sua maioria cerâmicas, é possível estabelecer uma diacronia ocupacional para este povoado situada entre os séculos XI e XIII. Dentro das produções cerâmicas destaque, pela sua raridade, para alguns fragmentos de *Verde e Manganés* e *Corda Seca Total*. Um dos grupos de cerâmica com maior expressividade, para além da cerâmica comum, em maior número, é o das cerâmicas vidradas com decorações esquemáticas a manganés. Da última fase de ocupação desta Alcária encontram-se as produções consideradas tipicamente Almódadas, donde se destaca uma grande talha decorada por motivos estampilhados variados, um dos quais um belíssimo motivo zoomórfico representando um camelo carregado em andamento.

.....
+ Licenciado em História, variante de Arqueologia pela Universidade de Coimbra. Arqueólogo dos Quadros Técnicos Permanentes da empresa Arqueohoje, Lda

1 - Este texto é, na sua essência, um resumo de um trabalho mais alargado apresentado na revista *Promontoria*, 4,(2006). A leitura deste artigo não dispensa a consulta do trabalho mencionado.

Résumé

Les ruines des *Alcaria*s de Odeleite se situent aux environs de la ville de Odeleite (Castro Marim), en Algarve oriental. Il s'agit d'un bourg islamique – *Qarya* – aux grandes dimensions, pas fortifié, s'étendant le long de côtes douces et sommets aplanis en petites collines (certains offrant un grand effet visuel), et côtoyant une importante ligue d'eau : la rivière de Odeleite.

Les travaux archéologiques, dont il faut remarquer l'excavation de six maisons à *patios*, ont mis au jour un ensemble de structures relativement bien préservées, en rapport avec des contextes d'habitation.

D'autres structures renvoient directement à l'économie essentiellement agro-pastorale de la communauté qui a habité cette *Alcaria*.

Il s'agit, en effet, d'un enclos, de structures de stockage et, éventuellement, des bergeries.

Les matériaux archéologiques exhumés – la plupart étant des céramiques – nous ont permis d'établir la diachronique de l'occupation de ce bourg, située entre les XI^{ème} et le XIII^{ème} siècles.

Parmi les productions céramiques, on doit remarquer, par sa rareté, quelques fragments de *vert et brun*, et *Corda Seca Total*. Au-delà de la céramique ordinaire – le plus grand nombre, le groupe le plus expressif est celui de la céramique vitrifiée au décor schématique à manganèse.

Des productions considérées typiquement Almohades rendent compte de la dernière phase de l'occupation de cette *Alcaria*. Nous en avons signalé un grand vase aux motifs estampillés variés, parmi lesquels on aperçoit un très beau motif zoomorphe, exhibant un chameau transportant sa charge.

1.Introdução

Os Alcaria de Odeleite situam-se na freguesia de Odeleite,

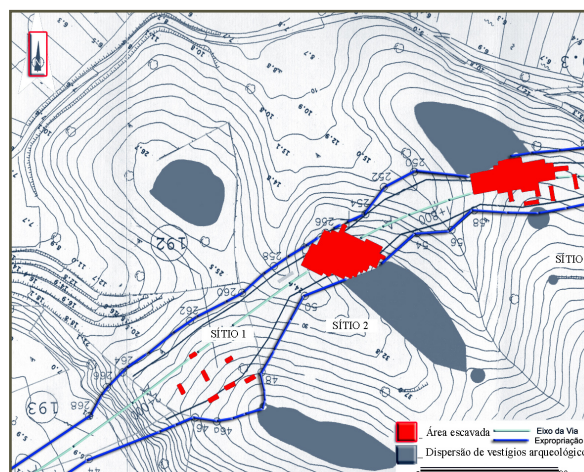


Fig.1 - Área escavada e localização dos vestígios arqueológicos no traçado do IC/27.

concelho de Castro Marim e distrito de Faro – coordenadas GAUSS: X-6.34.2, Y-41.33.7, CMP 1:25.0000, fl 583 ed. 1978. Trata-se de um grande povoado rural (*Qarya*) localizado junto à ribeira de Odeleite. Desenvolve-se ao longo do topo de cabeços relativamente elevados e ligeiramente aplanados, tendo-se confirmado a presença de ruínas também em pequenos socacos nas suas encostas.

Foi no âmbito do projecto rodoviário relativo ao IC27 — Odeleite/Alcoutim, que se realizaram estas primeiras intervenções arqueológicas neste local, tendo estas sido promovidas pelo Instituto de Estradas de Portugal.

A escavação arqueológica desenvolveu-se em três Sítios distintos do mesmo arqueosítio, designados por Sítio 1, 2 e 3. Após os procedimentos legais através da adjudicação por parte do Instituto de Estradas de Portugal ao consórcio ARQUEOHOJE/GEOARQUE², assim como a devida autorização do Instituto Português de Arqueologia³, iniciaram-se os trabalhos a 10 de Maio de 2004, prolongando-se até 02 de Setembro do mesmo ano.

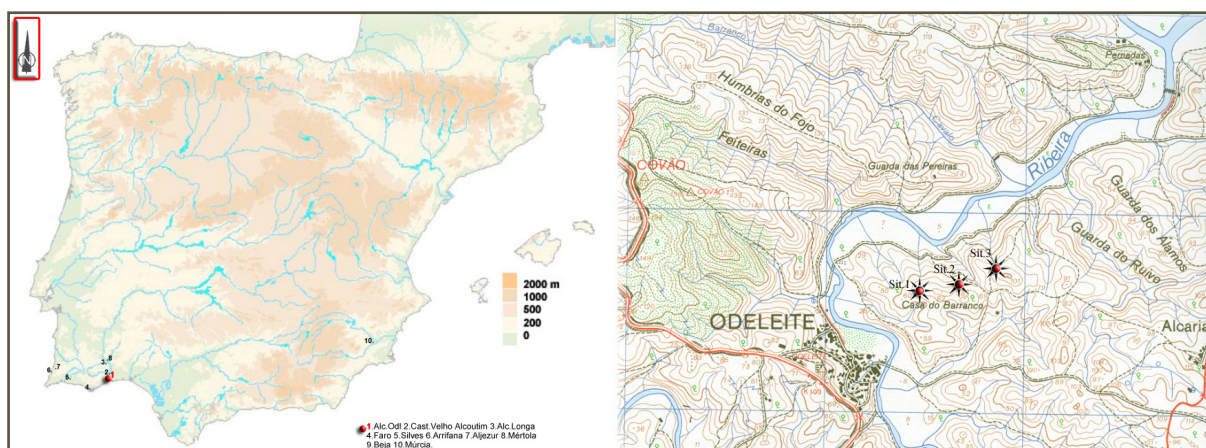


Fig.2 - Localização do Sítio arqueológico na P.Ibérica e na C.M.P.esc.1/25.000, fl.583, ed.1978.

2 - A directora do consórcio foi Sílvia Renata (técnica superior da Geoarque).

3 - Procº S-18395, ofº 06127, datado de 21.05.2004.

A intervenção arqueológica foi dirigida por Filipe João Carvalho dos Santos e João Miguel André Perpétuo (técnicos superiores da Arqueohoje). A coordenação científica da escavação ficou a cargo da Professora Doutora Helena Catarino.

O relatório final destes trabalhos foi aprovado pelo Instituto Português de Arqueologia.

2. A escavação arqueológica

2.1. Metodologia adoptada

As áreas intervencionadas foram designadas por Sítio 1, 2 e 3. A escavação fez-se por sequências de estratos artificiais — camadas arqueológicas —, seleccionando-se e fazendo corresponder todos os materiais exumados a cada uma delas, bem como à sondagem ou quadrícula respectiva, contextualizando-se sempre e todo o tipo de material.

Privilegiou-se a escavação em *open area* nos Sítios 2 e 3, tendo-se apenas escavado exclusivamente por valas de sondagem o Sítio 1.

Todas as fases da intervenção arqueológica foram alvo de registos por intermédio de desenho arqueológico, fotografia e vídeo.

Foi ainda feita a implantação da área escavada, por técnico especializado em topografia, na cartografia do projecto do restabelecimento 7B do IC27, tendo o levantamento exaustivo das estruturas sido feito pela equipa de arqueologia afectada à escavação.

A totalidade da área escavada nos três Sítios foi de 1683 m².

Todo o material recolhido em escavação foi posteriormente lavado, marcado e inventariado, encontrando-se em sacos e caixas dentro de contentores próprios para o efeito. Procedeu-se ainda neste momento à colagem de alguns materiais por forma a serem desenhados e apresentados em futura publicação. O espólio arqueológico encontra-se em instalações próprias da empresa Arqueohoje.

3. Resultados arqueológicos

3.1. Técnicas de construção e estruturas

A escavação arqueológica nos Alcariaais de Odeleite pôs a descoberto um importante conjunto de estruturas, na sua maior parte relacionadas com contextos habitacionais.

No que concerne às técnicas de construção pudemos observar que todas as estruturas foram construídas em alvenaria, tendo-se utilizado para o efeito a matéria-prima abundante no local - xistos e grauaques. Era nítida a linha de corte

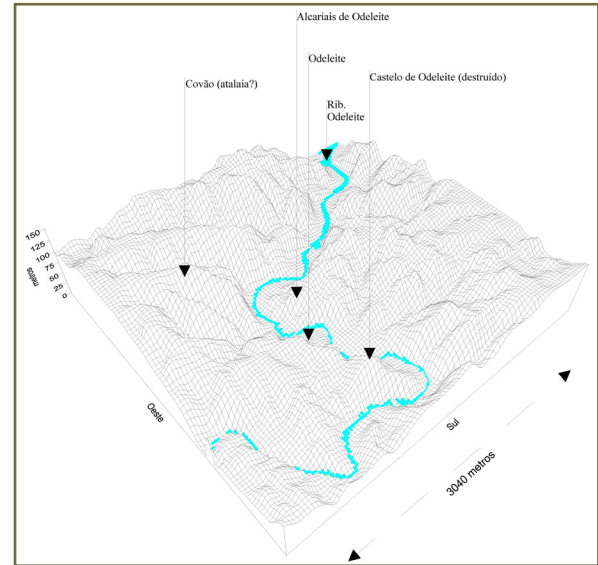


Fig. 3 - Levantamento tridimensional da área envolvente ao povoado islâmico.

vertical nalguns afloramentos, que terão funcionado como verdadeiras pedreiras locais. Em Alcaria Longa⁴, povoado islâmico com paralelos evidentes com esta estação arqueológica, também foi observada esta realidade (Boone, 1993, p. 112).

Verificámos que todos os muros foram levantados sem qualquer vala de fundação⁵, arrancando directamente sobre o afloramento xistoso.

Nota-se na base das estruturas, um maior cuidado na utilização de elementos de maiores dimensões, sobrepondo-se sempre as restantes fiadas com lajes, dispostas de forma horizontal de menores dimensões, ligadas com um elemento fixador - o barro. As faces mais regulares destas lajes eram utilizadas nos paramentos, com os interstícios preenchidos por pequenas pedras e alguma cerâmica de construção, argamassadas com terra.

Foi observado apenas num dos muros do saguão da casa IX a colocação dos elementos pétreos a formar espinha. Trata-se do que é comum designar-se por *pseudo opus-spicatum*, que encontra paralelos na região no Castelo velho de Alcoutim.

A generalidade das paredes exteriores apresenta em média 0,55 m de espessura, salvo raríssimas excepções.

O esqueleto pétreo destes muros em alvenaria era, nalguns casos, coberto por um reboco de barro, posteriormente revestido a fina argamassa de areia e cal, quer no interior quer no exterior destes edifícios. Encontrámos provas inequívocas desse aspecto técnico, comum também a outros Sítios islâmicos de cronologias e funcionalidades distintas. Apenas a título de exemplo, veja-se o caso do castelo velho de Alcoutim (Catarino, 1997/98), ou do recém publicado *Ribat* da

4 -Povoado rural islâmico datado dos finais dos séculos X/XI, a cerca de 24 Km a oeste de Mértola.

5 - Trata-se de uma região caracterizada por solos bastante esqueléticos, pelo que o afloramento surge por vezes logo à superfície pelo que não haveria necessidade na construção de valas ou caboucos de fundação.

Arrifana (Gomes e Gomes, 2004, p. 492).

Para além do reboco de barro foram encontradas ainda, adossadas às paredes de alvenaria, alguns nódulos, bastante espessos, de uma argamassa esbranquiçada⁶. Esta argamassa era aplicada directamente sobre a parede nua, sem reboco de barro.

Não acreditamos que nas construções se tenha utilizado tampa, e a grande camada de derrube pétreo aponta sim para construção em altura onde apenas se tenha utilizado a construção em pedra.

Na sua grande maioria, os muros encontravam-se relativamente bem preservados, podendo nalgumas zonas apresentar alturas superiores a um metro. Embora grande parte destas estruturas evidenciasse grandes inclinações, e um pequeno número se reduzisse apenas a uma única e última fiada, permitiu-se, a partir delas, a obtenção de uma planta fiável do conjunto dos diversos espaços edificados.

Ainda dentro deste capítulo, e antes de passarmos à descrição das estruturas propriamente ditas, queríamos tecer algumas considerações sobre as áreas de circulação/utilização internas e externas dos vários espaços. Encontrámos especial incidência, nos espaços internos dos compartimentos mais cuidados, pelos pisos em terra batida, onde pontualmente poderá aparecer uma ou outra laje plana e muito pouco espessa. Estes pisos, compostos por uma pequena camada de terra compacta, articulam-se por vezes, e nalguns locais, com o topo desbastado do próprio afloramento. Convém salientar que é perfeitamente visível o desbaste de algumas zonas do afloramento, criando superfícies perfeitamente regulares. Por outro lado, e sempre que fosse necessária, as irregularidades, ou depressões profundas de alguns locais, eram preenchidas por uma camada de regularização, constituída sobretudo por pedra talisca e alguma cerâmica, conseguindo-se assim regularizar o terreno à cota de utilização pretendida.

Ainda dentro dos espaços de circulação encontramos, para além dos pisos em terra batida, alguns espaços lajeados. Estes lajeados, ainda que não constituam a regra no interior dos compartimentos, aparecem sobretudo nas áreas de circulação externas, pátios e acessos às entradas principais das habitações.

Todos os lajeados são pétreos, não se evidenciando a utilização de tijoleiras nos mesmos.

No que diz respeito à cobertura dos edifícios, que pelas suas dimensões seriam de apenas uma só água e inclinados em direcção ao pátio, eram utilizadas telhas de meia-cana. Estas encontravam-se quase sempre decoradas com motivos ondulados no topo, feitos a partir de marcas digitadas ou, as linhas mais finas, através de incisões com objecto de ponta fina. Encontram-se, em grande parte dos casos decoradas por impressões denteadas nos rebordos longitudinais.

Um dado curioso, e que nos parece relevante, é o facto de alguns dos nódulos esbranquiçados de argamassa de cal e areia estarem, muito provavelmente, associados à fixação

dessas mesmas telhas no arranque do topo dos muros. Foram encontradas várias telhas com essa argamassa agarrada às suas paredes, bem como se identificaram quantidades consideráveis dessa argamassa nas camadas de derrube dos telhados. Alguns desses nódulos tinham mesmo impresso o negativo da superfície convexa da telha.

No Sítio 3, ao contrário da generalidade das situações descritas, encontramos uma vala escavada no afloramento para implantação da fundação de dois muros, muros esses que pertencem à última casa a ser edificada neste local.

Esta casa - casa III - parece obedecer claramente a um projecto arquitectónico preciso, respeitado até ao fim. A implementação no terreno desse projecto, levou a que se cortasse, parte do afloramento para a implantação da esquina sudeste do compartimento 5. Trata-se, sem dúvida, de um facto invulgar, porque em nenhuma outra casa este pormenor foi observado.

3.1.1. As casas

Para um melhor entendimento por parte do leitor, e maior facilidade de exposição da nossa parte, resolvemos atribuir na descrição das estruturas, uma ordem numérica às diversas áreas habitacionais, bem como a todos os outros espaços edificados que não se relacionam directamente com zonas de habitação propriamente ditas.

Na identificação em planta das várias casas foi atribuída uma numeração romana e, dentro destes conjuntos espaciais numerámos os diferentes compartimentos por numeração árabe.

Evidenciam-se alterações do espaço edificado espaçadas no tempo, existindo, por vezes, uma nítida sobreposição de estruturas, bem como a mutilação de outras. Foram abertas e obstruídas passagens que alteraram, por si, a circulação e a divisão espacial de algumas casas. A casa II constitui o melhor exemplo desta situação.

Para além das superfícies ocupadas no terreno por toda uma série de habitações, foram ainda identificadas outras construções, que não se relacionam directamente com espaços habitacionais mas que ocupam perto desses espaços outras funções, quer sejam áreas de armazenagem, cercados para animais ou eventualmente lugares onde se poderia fazer o cultivo de pequenas parcelas de terreno, provavelmente relacionadas com pequenas hortas.

Diríamos que o modelo arquitectónico de base destas vivendas assume contornos clássicos na arquitectura civil islâmica, pela configuração da planta geral da habitação e pela disposição geral das diversas dependências que se articulam, sempre, em redor de uma área central aberta - pátio. Partindo de um modelo organizativo e arquitectónico comum - a casa de pátio -, verificamos que estas habitações são remodeladas, inevitavelmente, com o decorrer do tempo pelo que, e nalguns casos, a planta da sua fase final muito pouco tem a ver com o projecto inicial.

6 - Trata-se de uma argamassa de cal e areia. Apenas com análises laboratoriais se ficariam a conhecer melhor os seus constituintes.



Fig.4. Vistas gerais das casas III e II.

Ainda que seja, por vezes, difícil reconhecermos a verdadeira funcionalidade de alguns dos compartimentos, acreditamos que alguns espaços se relacionem indubitavelmente com espaços de passagem entre a zona exterior e a zona interna das habitações – saguões –, com cozinhas, salas principais e secundárias, armazéns/estábulo e latrina(s).

Apresentam em planta uma configuração em L, casas V e VI e em U, casas II, III, VII e VIII. As dimensões destas casas oscilam entre pouco mais de 40 m² para as casas V e VI e os 110/140 m² para as casas VIII e II, respectivamente, sendo que estas dimensões se reportam apenas às áreas habitacionais e à fase fundacional da casa II.

3.1.1.1 Os pátios

O pátio, considerado como o coração da casa islâmica, é também nas casas dos Alcariaís de Odeleite o seu elemento maior e principal, articulador de todos os compartimentos em redor, a sua principal fonte de luz, ventilação e calor, sendo ainda um local privilegiado de convívio e trabalho.

De um modo geral assumem formas quadrangulares perfeitas – casa III –, sub-rectangulares – casas II, V e VI, e trapezoidais, casas III, VII e VIII.

A configuração destes espaços, assim como de toda a casa, relaciona-se com constrangimentos topográficos, e áreas disponíveis para construção. Se estes constrangimentos não existissem acreditamos que a preferência fosse sempre por espaços quadrangulares, com um perfeito exemplo de simetria no pátio da casa III, perfeitamente quadrangular.

Apresentam por norma superfícies lajeadas, com excepção feita apenas ao pátio da casa III, onde o espaço de circulação se fazia sobre um piso de terra e pedra miúda disposto directamente sobre o afloramento de base.

As dimensões destas áreas a céu aberto variam, desde o projecto inicial, com a própria dimensão da casa a construir. Quanto maior fosse a casa maior seria o tamanho ocupado pelo pátio.

A área dos pátios integralmente escavados varia entre 15, 80 m² (casa V) e os 67, 84 m² (casa VIII). Nas casas islâmicas da alcáçova de Mértola, por exemplo, as áreas destes espaços são ligeiramente inferiores, oscilando entre os 7, 92 m² e os 31, 3 m² (Macias, 2005, p.396).

O pátio da casa II, por exemplo, com 67, 84 m² ocupa 50% da área total desta casa.

É por este espaço que se acede à maioria dos diferentes compartimentos existentes em cada uma das casas, uma vez que são raras as ligações internas entre eles.

Não ficou comprovada em nenhum dos pátios escavados nos Alcariaís de Odeleite a existência de um canteiro ou tanque central, embora se conheça a existência deste género de estruturas em contextos rurais, veja-se, por exemplo o caso do edifício 5 dos Alcariaís dos Guerreiros de cima (Melro *et al*, 2004, p.68).

Identificámos, no entanto, nos pátios das casas II e VII uma pequena estrutura, situada num dos ângulos do pátio. Na casa II localiza-

se no ângulo sul, compõe-se por um pequeno alinhamento pétreo, de contornos sub-rectangulares adossados às duas paredes que formam o ângulo do pátio por este lado. Na casa VII localiza-se no ângulo este do pátio e é estruturalmente idêntica à da casa referida anteriormente. Não sabemos ao certo para que fins se destinariam estas construções. Delimita, no primeiro caso, uma pequena área de cerca de 1,30 m², que terá porventura funcionado como uma espécie de canteiro localizado nesta extremidade.

Na cidade hispano-muçulmana de Vascos, Toledo, foram encontrados nalguns pátios recintos semicirculares de pedra, que segundo o autor poderiam tratar-se de manjedouras para os animais (Izquierdo Benito, 1990, p. 152). É uma hipótese que não podemos descartar uma vez que este género de estruturas seriam bastante comuns em contextos rurais, como é o caso.

Na casa VIII foi construído, ainda na zona do pátio desta habitação, um patamar de acesso ao interior da sala principal (compartimento nº2). A colocação deste patamar neste local relaciona-se certamente com um objectivo muito preciso, o de evitar, em dias muito chuvosos, a entrada de água no interior deste compartimento.

3.1.1.2. Salas principais e “secundárias”

Achamos que apesar das diferenças existentes entre a casa urbana, também a casa rural dispunha de uma sala principal, embora o contraste entre os elementos construtivos e os aspectos decorativos evidenciados nos salões das casas urbanas, mais ricas, sejam evidentes.

A escavação de alguns compartimentos dentro das casas dos Alcariaís de Odeleite levam-nos a equacionar a hipótese destes serem salas principais, dentro do conjunto das restantes divisões da casa. Assumem, como na generalidade dos restantes compartimentos formas rectangulares, com dimensões que oscilam entre os 11, 23 m² (compartimento 2, casa V), os 25, 17 m² (compartimento 2, casa VIII). São na grande maioria dos casos, a seguir ao pátio, os compartimentos com as áreas maiores dentro de cada uma das casas islâmicas escavadas. Excepção feita apenas à cozinha da Casa V, com uma área de 15, 02 m².

É nestas salas principais que encontramos os pisos em terra batida melhor cuidados. É também aqui que encontramos algumas das estruturas mais interessantes identificadas neste povoado e que relacionamos com estruturas de armazenamento, bancadas e armários de parede, todas elas em alvenaria.



Fig. 5 - Pormenor da estrutura interpretada como "armário de parede", (casa II, sala principal).

Identificámos na sala principal da Casa II A (fase III, compartimento 2), adossada à sua extremidade sudoeste, uma estrutura construída em alvenaria de xisto. Revela uma construção projectada, com todos os elementos mais significativos dispostos a espaços regulares. Contava com 2,72 m de comprimento por 1,40 m de largura e cerca de 0,70 m de altura preservada. Apresentava na fachada voltada para a sala três nichos, de secção rectangular, fechados por murete atrás.

O espaço compreendido entre este pequeno murete e a parede externa deste compartimento foi completamente cheio com pedras possantes na base, completando-se o seu enchimento por pedra mais miúda até perto da cota do topo das lajes de xisto que cobriam as aberturas dos nichos pelo topo.

Acreditamos que esta estrutura tenha sido construída para durar, ouve um cuidado na sua execução, e esta foi bem desenvolvida com base assente no piso de circulação do interior do compartimento. A verdadeira funcionalidade desta estrutura continuará em aberto.

Sabemos, por outro lado, que estruturas semelhantes têm sido encontradas noutros povoados islâmicos, veja-se por exemplo o caso das casas nºs 0 e 4 do povoado de El Castillejo, em Los Guajares (Granada), onde também foram identificadas semelhantes estruturas e consideradas pelos autores como armários de parede (Bertrand, M. *et al*, 1990, p. 213).

A ocupar parte substancial da extremidade sudoeste do compartimento identificado como sala principal da Casa V, foi identificado um empedrado ligeiramente sobrelevado em relação ao piso de circulação, constituído à base de vários fragmentos de mós giratórias e lajes de xisto planas. Recuperaram-se algumas cerâmicas desta zona, fragmentos de vasos destinados quer ao consumo de alimentos quer à sua confecção. Dois dos recipientes (fig.s.10A e 10F) são, muito provavelmente, contentores de líquidos. De dimensões reduzidas, um apresenta-se vidrado na superfície externa, melada, e conta com corpo globular com caneluras, base plana e colo cónico bastante desenvolvido. Apresenta vestígios de arranque de asa no bojo. O outro, trata-se de um recipiente de pastas muito claras, esbranquiçadas, com corpo globular

achatado, com linha excisa na ligação com a parte do fundo que é plano. Colo diferenciado, de perfil côncavo, e bordo ligeiramente exvertido com lábio boleado. Apresenta igualmente o arranque de uma asa que ligava o bojo ao bordo.

Foram ainda encontrados próximos a esta estrutura, na quadrícula J9, dois púcaros fragmentados de pastas castanho-alaranjadas. Apresentavam corpo ligeiramente carenado com colos desenvolvidos, ambos os recipientes apresentam vestígios de, pelo menos, uma asa a arrancar do bojo. O fundo de ambos os recipientes é plano. Foram utilizados ao lume, notando-se essa evidência na superfície externa, queimada.

Serviria esta estrutura de base onde se colocariam estes recipientes? Ou será esta estrutura apenas a base de uma outra maior onde estes elementos pudessem ficar guardados? Não sabemos.

Na casa VIII, identificámos uma outra estrutura em alvenaria na extremidade sudeste deste compartimento. Era uma construção maciça, composta por um murete de contenção de uma só face, que delimitava um espaço com uma largura de 1,21 m. Esse espaço interno, entre o muro que fecha este compartimento e o murete, tinha sido completamente preenchido com uma camada de terra e pedra miúda, de onde também se recolheram alguns materiais, sobretudo alguns fragmentos de cerâmica comum e algum material de construção — telhas de canudo. Uma série de lajes planas em xisto, de que restou apenas um dos elementos na extremidade sudoeste, cobririam toda a superfície superior desta estrutura, funcionando esta como uma espécie de bancada numa das extremidades do compartimento.

Na parede que delimita internamente esta sala por este lado foram identificados restos do revestimento das paredes internas, feitos à base de uma argamassa fina de areia e cal, aplicados directamente sobre o muro.



Fig. 6 - Bancada localizada na sala principal da casa VIII.

Acreditamos que possa tratar-se de uma bancada, ou banca onde se colocariam alguns objectos expostos de maior destaque no interior deste compartimento. Apresentava uma altura total em volta dos 1,10 m. Curiosamente foi identificada uma estrutura semelhante no *Ribat* da Arrifana, não tendo os investigadores chegado a uma conclusão efectiva em relação à mesma mas colocando a hipótese de ser uma

bancada ou até mesmo uma sepultura (Gomes e Gomes, 2004, p. 544).

As salas secundárias são, na sua maioria, compartimentos autónomos, embora existam casos de prováveis ligações entre estas dependências e compartimentos muito pequenos, que relacionamos com alcovas.

Fazemos, por outro lado, relacionar as salas secundárias com uma série de compartimentos existentes em todas as casas de maiores dimensões, de planta em U, escavadas nos Alcariaais de Odeleite.

De um modo geral apresentam igualmente configurações rectangulares com dimensões ligeiramente inferiores ao das salas principais, com pisos em terra batida igualmente cuidados, sem no entanto se verificar a existência de estruturas como aquelas descritas para as salas principais.

Foram identificadas algumaslareiras, e outras estruturas de combustão no interior de alguns destes compartimentos, contrariamente ao que observámos na escavação das salas principais.

3.1.1.3. As cozinhas

As cozinhas dos Alcariaais de Odeleite foram identificadas pela presença de grande número de cerâmicas de utilização ao fogo (sobretudo púcaros e panelas), usadas na confecção de alimentos, e pela existência dos locais –lareiras- onde esses mesmos alimentos foram confeccionados, nalguns casos com peças ainda *in situ*. Para além destes recipientes cerâmicos outros fragmentos recolhidos relacionam-se, por exemplo, com potes, tigelas, alguidares e cântaros, numa imensa variedade de objectos com várias funcionalidades dentro do mesmo contexto.

Em todas as casas escavadas neste povoado encontramos uma cozinha, relativamente bem definida, cuja configuração não difere muito dos restantes compartimentos, como veremos de seguida.

A cozinha da casa III media no seu lado maior 4 m, e apresentava uma largura de 2,40 m ocupando um espaço total de 9,6 m².

Ocupava o lado norte da casa, desenvolvendo-se segundo o eixo oeste este, apresentando-se todos os muros que a compunham em bom estado de conservação⁷, com uma espessura média de 0,55m. Excepção feita ao muro que separava este compartimento da pequena divisão que o ladeava a este - latrina -, apresentando este uma largura de 0,44 m. O acesso à cozinha fazia-se por uma passagem central, aberta na fachada voltada para o pátio, com 0,96 m de largura. A entrada encontra-se bem estruturada por laje em xisto de configuração sub-rectangular, colocada junto à entrada sobre o piso do pátio, e soleira, a uma cota ligeiramente mais baixa, na base do vão aberto das paredes. Esta soleira, de que restaram duas lajes de xisto planas, apresenta um pequeno orifício circular do gonzo da porta. A abertura da porta era feita para o interior do compartimento.

O piso desta divisão encontrava-se rebaixado em relação à

cota de circulação do pátio. Era em terra batida, com cerca de 0,07 m de espessura e assentava em níveis de enchimento que regularizaram este espaço.

Dentro dos materiais encontrados neste compartimento, nos níveis de abandono, destaque para um cântaro (fig.10.E) de pastas castanhas-avermelhadas, de grandes dimensões e profusamente decorado, por pinturas de traços esquemáticos a branco, aplicações de cordões plásticos puncionados e mamilos. Foi ainda encontrado um jarro de pastas alaranjadas, fragmentado mas que foi possível reconstituir quase na sua totalidade. Apresentava corpo globular decorado nesta zona por pinturas a branco sobre caneluras, colo cilíndrico desenvolvido apresentando um fino traço exciso a meio, bordo ligeiramente exvertido e bico vertedor repuxado. A base desta peça é destacada, em “bolacha”, e apresenta fundo ligeiramente convexo.

Dentro das peças que até ao momento pudemos observar e que provêm do interior deste compartimento destacam-se também algumas frigideiras, púcaros e panelas. Uma dessas panelas de pastas laranjas, apresenta um corpo globular achatado, sem colo e bordo com ressalto interno para assentamento de tampa, o fundo era ligeiramente convexo e evidencia uma utilização ao lume.

A cozinha da casa V desenvolvia-se perpendicularmente sobre os lados nordeste do pátio e do compartimento 2. O seu acesso fazia-se pela área do pátio, com pequeno patamar criado nesta zona e que conduzia à entrada para este compartimento, apresentando esta um vão de 0,70 m de largura. Da soleira conservou-se uma laje plana de xisto colocada sobre o lado esquerdo da entrada, apresentando orifício para encaixe de gonzo da porta. Esta abria em direcção ao interior do compartimento.

Apresenta-se em planta como uma dependência sub-rectangular medindo o espaço interno nos lados maiores, 4,96 m de comprimento por 3,03 m de largura, ocupando uma área total de 15,02 m².

Na extremidade noroeste foi identificada uma estrutura de configuração rectangular, construída em alvenaria de xisto que ocupava toda a extremidade deste espaço. Construída a partir de três muros distintos, adossados a cada uma das três paredes que o delimitavam por este lado, apresentava uma largura total de 1,45. O muro perpendicular ao maior, com apenas 0,30 m, dividia simetricamente dois espaços internos diferenciados desta construção. O muro de fachada desta estrutura era mais largo, medindo 0,60 m.

As dimensões internas destes espaços são de 1,45 m de comprimento, por 0,84 m de largura, para o que se localiza a sudoeste. O outro, dividido por pequeno murete, na extremidade nordeste apresenta uma configuração quadrangular, com um dos lados ligeiramente maiores e medindo 1,45 m por 0,84 m de largura.

Esta estrutura apresentava uma altura total preservada de 0,50m.

Acreditamos que esta estrutura, pelo próprio espaço onde

7 - Com uma altura máxima preservada na ordem dos 0.80 m e mínima de 0.30 m.

se encontra, possa ser entendida como uma dispensa ou armário de parede, do qual apenas restou a estrutura pétrica de base. Seria um local preferencial para se guardar alguns produtos alimentares e/ou alguns objectos do mobiliário cerâmico da casa. No seu interior foi encontrado, para além de alguma cerâmica em contexto de derrube, um pequeno martelo em ferro.

No lado oposto, na extremidade sudeste desta dependência encontrámos vestígios de duas lareiras colocadas sobre cada um dos ângulos internos deste espaço. Uma grande mancha de cinzas, com restos de carvões pôde ser observada entre estas duas lareiras, junto à parede sudeste. A primeira lareira, localizada perto da entrada deste compartimento, descrevia uma pequena área de contornos circulares. Esta lareira estruturava-se sobre uma base pouco espessa de argila com algumas telhas à mistura, colocada sobre o piso de circulação, em terra batida.

A cozinha da casa VII, construída em adjunção com elementos da casa VIII, descreve em planta um espaço algo irregular, tendencialmente trapezoidal.

O seu lado maior apresentava um comprimento máximo de 3,75 m, por 3,27 m de largura ocupando em área um total 12,27 m².

A entrada para este compartimento fez-se mediante abertura na esquina norte do compartimento 3, apresentando esta passagem um vão muito estreito, com apenas 0,60 m de largura. Verificámos que à entrada tinham sido colocadas algumas lajes planas de xisto, na base da interrupção dos muros, não se tendo no entanto verificado em nenhuma delas orifício para assentamento do gonzo da porta. Provavelmente esta passagem não seria fechada, mantendo-se permanentemente em comunicação com o compartimento 3.

Verificou-se a existência de um grande desnível entre o piso de circulação desta nova dependência e o compartimento 3, na ordem de 1 m, pelo que o acesso a este novo espaço deveria ser feito por uma escadaria.

Acreditamos que essa escadaria pudesse ter sido em madeira, uma vez que não identificámos quaisquer elementos pétreos relacionáveis com tal estrutura.

A irregularidade na rocha de base nesta zona da casa, explica o desnível existente entre estes compartimentos, não se tendo verificado qualquer intenção na regularização deste espaço para normalizar a sua circulação à mesma cota dos outros, como se verificou noutras situações.

No interior deste compartimento foi ainda identificada uma grande estrutura de combustão.

3.1.1.4. A latrina

Num pequeno recanto da esquina nordeste da casa III, foi identificada a única latrina de todas as casas escavadas nesta alcaria. Trata-se de um compartimento de dimensões muito diminutas, de planta rectangular, com 2,4 m de comprimento por 0,60 m de largura, correspondendo a uma área

de apenas 2,4 m². Encontra-se delimitada em dois dos lados pela esquina de união do prolongamento do muro que fecha o pátio a este e a fachada exterior voltada a norte. A parede oeste, interna, serve de separação entre este pequeno compartimento e a cozinha, delimitando-o por este lado.

O prolongamento da fachada norte voltada para o pátio e a própria parede que delimita o pátio a este, definem-lhe a passagem de acesso ao interior.

O acesso à latrina era feito pelo pátio, por uma pequena passagem com um vão de 0,60 m de largura, sem soleira.

No muro da fachada exterior voltada a norte foi identificada, na base do muro, uma abertura que permitia o escoamento dos dejectos da latrina para o exterior, facilitado pela acentuada inclinação do terreno nesta zona. Esta abertura de configuração trapezoidal tinha na base uma largura de 0,18 m, afunilando no topo, por 0,40 m de altura.

Foram identificadas no embasamento dos muros norte e oeste uma série de lajes mais salientes em direcção ao interior deste pequeno compartimento. Pensamos que essas lajes possam estar relacionadas com a base para assentamento da estrutura interna da latrina. Não tendo sido identificado nenhum piso, e sabendo que o chão da latrina se estabelecia, em regra, a uma cota mais alta, pensamos plausível a hipótese do piso deste compartimento ter sido constituído por uma série de lajes onde o rebordo de um dos lados assentaria sobre a referida base de apoio. Ganharia assim altura em relação à cota de circulação dos restantes compartimentos.



Fig. 7 - Latrina, casa III.

Verificámos ainda uma diferença considerável, ao nível já do substrato rochoso, entre a cota de base da entrada e a do fim deste compartimento, 0,63 m. Acreditamos que esse desnível não acontece por acaso, existindo uma razão prática para que assim seja. Todos os dejectos provenientes da latrina, podiam ser escoados para o exterior de uma forma eficaz. Não eram canalizados para uma fossa séptica, pois não se encontrou a presença de qualquer conduta de escoamento, de fossa ou “buraco negro” utilizado na acumulação destes dejectos.

3.1.1.5. Os saguões

Os saguões são outro dos espaços comuns à grande maioria das casas nos Alcariaais de Odeleite.

Estes teriam, nestas casas rurais, funções bem específicas. Estariam, sem dúvida, relacionados com o mantimento da

privacidade da família, funcionando como dependência que se interpunha entre o exterior e o espaço da casa propriamente dito, lugar de passagem obrigatório, de reunião, e provavelmente de armazenamento de alguns produtos ou bens essenciais à vida da respectiva família.

Esta última ideia parece-nos reforçada pelas suas dimensões que podem atingir os 12, 28 m², como no caso do saguão da casa IIA, na sua fase final.

Curiosamente assistimos à colocação nestes espaços comunicantes com o pátio, de portas desacertadas. Quem olhasse de fora apenas dava de frente com um muro, mantendo-se por completo a intimidade da casa, mesmo na zona do pátio. Verificamos esta situação nas casas IIA e VII.

O espaço que interpretamos como saguão da casa VIII não seria telhado, tratar-se-ia de um corredor de passagem, a céu aberto e parcialmente lajeado, que teria, ainda assim, as mesmas funções, mantendo-se como um espaço de separação de dois universos, público e privado.

As condições de habitabilidade destas dependências seriam diminutas, evidenciadas por pisos descuidados e total ausência de lareiras, por exemplo. Ainda assim foi observado a colocação de um lajeado na extremidade oeste do saguão da casa VII, aliado, naquele local, a uma estrutura de “tipo caixa”, em alvenaria, cuja verdadeira funcionalidade desconhecemos mas que podia estar relacionada com a guarda naquele local de alguns produtos.

3.1.1.6. As alcovas

Alguns pequenos compartimentos, comunicantes, por vezes, com algumas das salas principais destas casas, sugerem-nos a presença de espaços independentes relacionados com alcovas.

Duas destas pequenas dependências encontramos-as na casa VIII, compartimentos 3 e 4. Muito provavelmente, estes espaços relativamente exíguos, com áreas de apenas 3,61 m² e 3,82 m², respectivamente, corresponderão a alcovas, com dimensões aproximadas às alcovas identificadas em Mértola (Macias, 1996, p. 87).

O único acesso a este primeiro compartimento era feito através de uma porta descentrada, aberta no canto oeste da sala. O vão desta porta apresentava uma largura total de 0.84 m, e na sua base encontrava-se disposta do lado da sala, uma laje em cutelo, elemento de uma eventual porta, que fechava assim este espaço. Esta porta abria em direcção ao interior do pequeno compartimento.

A segunda alcova da casa VII localiza-se na extremidade mais a norte desta casa. Não foi possível identificarmos qualquer porta de acesso, encontrando-se os muros que o definiam muito destruídos, reduzidos à primeira fiada de base. A entrada, deveria estruturar-se a uma cota mais elevada, pelo que não nos foi possível identificá-la.

Outros espaços/alcova terão existido nas casas dos Alcariaís, embora seja por vezes muito difícil diferenciá-los por falta de elementos.

3.1.2. Estruturas agrárias e pequenos espaços agrícolas

Designamos por estruturas agrárias um conjunto de construções postas a descoberto nas imediações de algumas das casas deste povoado rural.

Estas estruturas relacionam-se obviamente com as necessidades de uma população agro-pastoril, que depende essencialmente daquilo que a terra produz, obrigando à criação de infra-estruturas próprias para a guarda de animais e alfaías agrícolas e para o armazenamento dos produtos resultantes do seu trabalho.

Pensamos, por exemplo, que os compartimentos 8 e 9 da casa IIA, assim como o compartimento 5 da casa III, se relacionem eventuais estábulos e/ou currais. Não apresentavam condições de habitabilidade e são construções excêntricas ao núcleo principal da casa. Fazem parte da última fase construtiva desta casa, o seu afastamento, conjugado com a quase inexistência de materiais arqueológicos fazem-nos supor estas funcionalidades para estas dependências.

Ocupando uma zona considerável da casa VIII, encontramos um espaço murado a céu aberto, localizando-se em extensão sobre o lado sudeste do pátio. De configuração sub-retangular com 9,69 m de comprimento por 4,36 m de largura ocupa uma superfície com 42,28 m².

Era definido por um muro construído em pedra seca sobre a zona do pátio a noroeste, muro que não deveria ser muito alto. A nordeste era definido pelas fachadas interiores da sala principal desta casa e por parte da fachada interna da cozinha da casa VII, a sudeste era delimitado pela fachada ocidental da casa VII, e a sudoeste era delimitado quer por parte do muro de eventual logradouro, quer por parte de uma das paredes que definiam o espaço do curral da casa VII daquele lado.

Apresenta apenas uma entrada com acesso pelo pátio, localizando-se esta no canto oeste deste espaço. Verificámos a colocação intencional de grandes lajes na base desta entrada, no que consideramos serem o prolongamento de alguns corredores de acesso lajeados, que se estendem para o exterior desta casa.

O interior do cercado encontrava-se preenchido por uma imensa camada de derrube, proveniente da ruína da fachada ocidental da casa VII. Verificámos, após a remoção desse derrube, que este se encontrava directamente em contacto com o piso de circulação desta área. Este piso era constituído apenas por alguma terra e pequenas lascas de xisto colocadas directamente sobre o afloramento de base.

Não identificámos nenhuma camada de terras mais escuras que se pudessem relacionar com uma zona de cultivo, pelo que pensamos que este espaço tenha sido criado com um único propósito, guardar gado, o que neste contexto rural nos parece perfeitamente aceitável.

Numa zona exterior da casa VII identificámos um conjunto de estruturas que relacionamos com um, eventual, curral.

Identificado na planta geral com o nº 6, apresenta-se com uma configuração irregular, tendencialmente quadrangular.

No seu lado maior, no eixo sudoeste/nordeste, apresenta um comprimento máximo de 6.78 m, por 5.21 de largura, corres-

pondendo a uma área total de superfície edificada na ordem dos 35.32 m².

Pudemos observar que o interior deste espaço era compartimentado, tendo apenas chegado até nós a planta completa de um dos compartimentos, bem como vestígios de um segundo. O primeiro compartimento, quadrangular, localizava-se no canto norte deste edifício. Cada um dos seus lados media 2,60 m, ocupando praticamente 7 m² do espaço total desta construção. Não foi identificada nenhuma porta, ou outra abertura que conduzissem ao seu interior, embora possa ter existido a uma cota mais elevada.

O segundo compartimento ocupava a outra extremidade do mesmo lado, com uma configuração tendencialmente trapezoidal. Não nos foi possível defini-lo convenientemente uma vez que se encontrava muito destruído, ocuparia muito provavelmente uma área próxima do antecessor. Não encontramos evidências de outras compartimentações, desenvolvendo-se defronte dos compartimentos referidos uma área aberta, de configuração sub-retangular que ocupava todo o espaço restante.

O acesso ao interior fazia-se por porta aberta na fachada sudeste. Esta abertura dava para um espaço a céu aberto no exterior do compartimento 4, definindo-se este, como já tivemos oportunidade de enunciar, quer pelo muro sudoeste deste compartimento quer pelo muro do logradouro, a sudeste, da casa V.

O piso do interior deste edifício apresentava-se algo descuidado, próprio de uma zona que não seria destinada à habitação, compondo-se exclusivamente por terra, lascas de xisto e alguma cerâmica, imediatamente colocado sobre a rocha de base.

Defronte da casa V identificou-se uma pequena área murada que conotamos com um pequeno logradouro, ou quintal. Trata-se de algo pouco inusitado num ambiente rural, onde era perfeitamente aceitável, como ainda hoje acontece, a existência de uma pequena horta junto do espaço habitacional.

3.1.3. Estruturas de combustão

3.1.3.1. Lareiras

Foram identificadas ao todo oito áreas de combustão distintas nas casas dos Alcariaais de Odeleite, quatro relacionadas com lareiras, outras três com braseiros e uma última que conotamos com um eventual forno culinário.

De um modo geral as lareiras são planas, compostas ao nível do piso de circulação e identificam-se apenas por uma mancha tênue de cinzas e carvões de contornos sub-circulares. Raramente aparecem associadas a fragmentos de telhas, embora esta situação tenha também sido observada.

Os compartimentos onde estas se implantam, encostadas sempre a uma das paredes e perto da entrada dessas dependências, são as cozinhas e as salas secundárias.

3.1.3.2. Braseiros

Designamos por braseiros um conjunto de três pequenas estruturas de combustão sub-circulares e parcialmente escavadas na rocha, identificadas ao centro da sala secundária da casa VII.

Correspondem à última fase de ocupação deste compartimento e foram encontradas, alinhadas, entre as quadrículas F6 e G6, respectivamente. Obedecem todas à mesma tipologia.

A maior, na extremidade sul, deverá ter sido a última destas estruturas a ser utilizada, e tinha aproximadamente 0,40 m de diâmetro. Foi possível identificá-la, bem como a todas as outras, pelo aparecimento de uma mancha escura de configuração semi-circular no topo, com muitas cinzas e nenhum carvão. Apresentava-se ligeiramente escavada no afloramento de base, atingindo uma profundidade máxima de 0,08 m. Verificámos que a revestir esta depressão interna tinham sido utilizadas uma série de pequenas pedras, quartzíticas, elementos refractários de calor. Em todas estas estruturas, foram identificados estes elementos.

O topo de duas destas lareiras estruturava-se ao nível do piso de circulação, apenas a última deste alinhamento de três, a que se localizava na extremidade nordeste do alinhamento, se apresentava coberta pela argila do piso de circulação, deixando antever uma utilização mais antiga da mesma.

Apenas a primeira destas lareiras se encontrava bem delimitada no topo por uma pequena coroa de pedras e algumas telhas. Acreditamos que as outras também pudessem ter sido estruturadas desta maneira, embora não tenhamos constatado essa realidade.



Fig.8- "Braseiros" localizados na sala secundária da casa VII.

O segundo braseiro, ao centro, separado do maior em apenas 0,72 m. apresentava um diâmetro inferior, com apenas 0,30 m.

O último, localizado mais a nordeste, apresentava-se muito diluído, evidenciando-se mal os seus contornos. Acreditamos que poderá ter sido uma estrutura exactamente igual às anteriores. À semelhança das outras, também aqui foram recolhidas uma série de pequenas pedras que preenchiam o seu interior.

A pouca cerâmica encontrada em conexão com estes elementos, bem como o seu estado muito fragmentário, e a ausência de restos alimentares não nos levam a pensar que estas estruturas tenham funcionado como lareiras onde se

confeccionassem alimentos, talvez servissem apenas como simples “braseiros” de aquecimento. A escavação do seu interior revelou uma combustão lenta, resultando desse processo grandes quantidades de cinzas, vulgarmente designadas por borralho.

Encontramos paralelos para estas lareiras em dois povoados rurais relativamente próximos, nos Alcariaais dos Guerreiros de Cima⁸ (Melro *et al*, 2004, p. 76) e em Alcaria Longa (Boone, 1993, p. 117), pese embora a lareira desta última estação apresentar diâmetros e profundidades bastante maiores do que aquelas identificadas por nós⁹. Estes elementos poderão ainda, eventualmente, enquadrar-se no grupo 2 da tipologia proposta por André Bazzana (Bazzana, 1996, p. 140), naquilo que o autor designa por *foyer creusé simple*.

3.1.3.3.Forno culinário

No interior da cozinha da casa VII (fase II), foram identificadas as bases de uma grande estrutura de combustão a fazer canto à esquina norte. Trata-se de um provável forno culinário, de configuração semi-circular, construído em parte em alvenaria de xisto, aproveitando na sua edificação as paredes mestras que delimitam a extremidade norte deste compartimento. Esta forno, único em todas as vivendas escavadas, com um diâmetro de 1,50 m, assemelha-se estruturalmente ao que André Bazzana designa na tipologia que elaborou sobre estes elementos por *foyer creusé aménagé* (Bazzana, 1996, p.145).

Ainda que não se tenha verificado qualquer depressão no seu interior, o que parece ser uma das características essenciais dessas estruturas, acreditamos se possa incluir dentro dessa tipologia, tratando-se porventura de uma estrutura menos complexa, sem depressão interna e estruturada de forma muito simples ao nível do piso de circulação do compartimento, em terra batida.

No interior desta estrutura, e um pouco por todo o interior deste compartimento, foram identificadas grandes quantidades de cinzas e alguns carvões, sugerindo uma longa e intensa utilização da mesma. Para além disso verificámos igualmente a presença, no interior deste compartimento, de alguns fragmentos cerâmicos com vestígios de utilização ao lume, bem como de alguma fauna, resultantes certamente

da confecção ou até mesmo consumo de algumas refeições neste espaço.

Junto à esquina norte deste compartimento à cota da base da lareira, foram ainda postas a descoberto uma série de lajes de xisto planas, que poderão eventualmente ter alguma relação com a estrutura que descrevemos anteriormente, ou com um outro espaço desta cozinha, não sabemos.

4. Os materiais arqueológicos

Do conjunto artefactual compulsado nas escavações dos Sítios 2 e 3, destacam-se pela sua quantidade e variedade um número significativo de recipientes cerâmicos, vários metais, alguns vidros e um número razoável de materiais líticos, na sua maioria fragmentos de mós.

Embora não tenham sido identificadas estruturas que se possam relacionar com uma ocupação mais antiga nos Sítios intervencionados, foram encontrados alguns elementos que apontam claramente nesse sentido.

Um pequeno objecto de adorno em arenito, com perfuração, de configuração triangular, encontrado em níveis de derrube numa das casas do Sítio2, poderá relacionar-se com uma ocupação Pré ou Proto-histórica nas imediações deste Sítio.

Para além deste objecto que nos transporta para cronologias bem recuadas em relação ao povoado islâmico que temos vindo a tratar, foram encontrados outros elementos que apontam para um contexto habitacional também mais antigo, dentro do período romano.

Mais do que alguns fragmentos de tégulas, que pontualmente foram aparecendo quer no Sítio 2 como no Sítio 3, foram também encontrados alguns elementos arquitectónicos contrastantes quer na forma quer no material onde foram executados com o aparelho construtivo de época islâmica. Nas lajes do pátio da II Fase da casa II, no terceiro Sítio arqueológico escavado, foram encontrados alguns silhares regulares em calcário que certamente serão originários de construções do período romano. Encontrámos ainda nos níveis de derrube desta casa um fragmento de cornija também em calcário, provavelmente oriunda das mesmas construções a que pertenceriam os silhares já referidos. Refira-se ainda o grande monólito deposto ao longo da entrada pelo exterior

do compartimento 5 da casa III, que pela excepção que também constitui em relação aos materiais utilizados no aparelho islâmico, poderá também ter sido reaproveitado de construções anteriores a este povoado medieval.

Acreditamos ainda que alguma da cerâmica recolhida, dentro do conjunto da cerâmica comum, possa relacionar-se com uma ocupação romana ou tardo-romana nas imediações deste local. Torna-se difícil estabele-



Fig.9-Cozinha da casa VII, pormenor do “forno culinário.”

8 - Gomes Aires, Almodôvar.

9 - Designada por rock-lined fire pit, apresentava neste caso um diâmetro de 0,50 m por 0,35 m de profundidade.

cer quaisquer diferenças seguras apenas pela análise das pastas e mesmo de algumas formas com as cerâmicas do período islâmico.

Pese embora os vestígios de épocas anteriores se tornarem de alguma maneira incompreensíveis, por falta de elementos que os contextualizem, sabemos que a continuidade ocupacional de Sítios romanizados foi uma constante durante a pervivência islâmica do nosso território. Apenas a título de exemplo veja-se o caso da Vila romana do Montinho das laranjeiras, relativamente próxima desta estação, junto às margens do Guadiana no concelho vizinho de Alcoutim, onde a ocupação humana deste espaço se fez de forma continuada desde o século I a.C. até ao seu abandono, já em época islâmica.

No que concerne aos materiais cerâmicos do período islâmico, oriundos das habitações desta alcaria, apresentam-se numa primeira análise como um grupo formal diversificado, onde abundam sobretudo os recipientes em cerâmica comum de pastas vermelhas e alaranjadas.

Outro grupo bastante expressivo é o das cerâmicas vidradas, de pastas bem depuradas, predominando os vidrados de chumbo variando as tonalidades das suas superfícies entre os melados claros, por vezes amarelados e esverdeados até aos melados mais escuros.

Dentro das cerâmicas vidradas encontram-se ainda em número bastante significativo as séries de vidrados que apresentam composições bicromáticas, onde sobre superfícies meladas dos óxidos de chumbo se desenvolvem composições diversas com motivos a castanho e/ou preto de manganés (fig.10H).

Os motivos melhor representados são as séries de traços; os traços de segmentos de círculo secantes, alguns mais grossos que outros e algo escorridos; pequenos pontos e traços curtos sobre o bordo das peças. Estão também presentes os pequenos círculos ou óvulos concêntricos, bem como um exemplar que apresenta, com algumas reservas, um motivo epigráfico.

Para além das decorações a manganés sobre superfícies vidradas foi ainda identificado um fragmento de uma tigela com vidrado melado claro decorada por uma série de estampilhas, delimitando o fundo da peça através de uma cartela circular.

As formas dos recipientes vidrados correspondem basicamente a tigelas de dimensões várias com corpos compostos por paredes convexas convergente e ligeiramente divergentes, mas existem também formas onde o corpo se apresenta carenado, levemente ou por carena acusada. Dos fundos destes recipientes que analisámos todos apresentam pé anelar. Outro grupo com as superfícies vidradas é formado pelas frigideiras, ou caçoilas de corpo troncocónico invertido, destacando-se decoração na superfície externa por aplicações plásticas verticais. Encontrámos ainda no reportório das cerâmicas vidradas alguns pequenos recipientes que terão servido como contentores de líquidos, um dos quais poderá tratar-se de um tinteiro (fig.10B), com paralelos numa peça de Silves, como já referimos anteriormente.

Quer os recipientes com vidrado monócromo, quer os que evidenciam decoração a manganés, apresentam quase sempre vidrados de muito boa qualidade, poucos são os que se apresentam irisados, ao contrário do que verificámos no pequeno conjunto de vidrados policromos, com superfícies vidradas em muito mau estado de conservação.

Ainda dentro deste grupo importa destacar ainda, pelo número reduzido de fragmentos, o conjunto formado pelos recipientes que apresentam decorações policromas. Falamos concretamente das cerâmicas denominadas por *verde e manganés*, associadas à cidade palatina de Madinat al-Zahra, e das cerâmicas denominadas por *corda seca*, total ou parcial. Deste último grupo foram encontrados muito poucos exemplares, constituindo-se como o grupo com menos expressividade dentro de todo o conjunto de recipientes com superfícies vidradas.

Nem sempre foi possível associarmos alguns destes fragmentos às formas dos recipientes a que pertenceriam. Um dos exemplares de *verde e manganés* está relacionado com uma tigela de pé anelar curto, apresentando o seu interior uma decoração vegetalista, outro fragmento parece corresponder a uma pequena bilha, decorada a verde, branco e manganés., apresentando-se a decoração em traços esquemáticos e escorridos.

O único recipiente de *corda seca* total identificado (fig.10I) corresponde na sua forma a uma tigela de grandes dimensões de fundo ligeiramente convexo, terminando em pé anelar. Este recipiente apresenta-se em muito mau estado de conservação, tendo praticamente desaparecido o vidrado da superfície interna da peça, evidenciando o seu exterior uma decoração vegetalista definida por motivos bem compartimentados, a verde, branco e manganés.

Foram ainda recolhidos nesta escavação alguns fragmentos de candil (fig.10G) com apenas algumas partes da sua superfície externa vidrada. Apresentam geralmente pingos de vidrado de tonalidades verdes, outras mais amareladas, quase sempre espessos e nalguns casos aparentam delimitação por ligeiro traço de manganés. Não sabemos até que ponto poderemos incluir estes fragmentos no grupo das cerâmicas decoradas a *corda seca* parcial.

Bem representado, dentro das cerâmicas comuns, é também o grupo constituído pelos recipientes de armazenamento, composto sobretudo por grandes talhas, de pastas claras, esbranquiçadas na maior parte dos casos, e por cântaros de pastas castanhas-alaranjadas. Um dos cântaros (fig.10E), que pudemos reconstruir quase integralmente, foi encontrado no interior da cozinha da casa III, encontra paralelos com uma peça proveniente de Mértola (Khawli, 1993, p. 74, peça nº16). Para além de decoração por pintura a branco e cordões plásticos a nossa peça apresenta ainda mamilos.

No conjunto de fragmentos que pertencem a talhas, destaca-se pela sua espectacularidade um exemplar profusamente decorado no bojo por cordões plásticos com incisões, por séries de estampilhas, de diferentes tamanhos, com predominância para os motivos geométricos, epigráficos e um único motivo zoomorfo (fig.10J). Apresenta-se decorada no

topo do bordo por estampilhas, representando estrelas de seis pontas. O motivo zoomórfico é um camelo representado em movimento, carregando uma estrutura de transporte no dorso.

Encontram-se presentes peças idênticas noutras estações islâmicas peninsulares, destacando-se o conjunto proveniente da alcáçova de Mértola, ainda assim não encontramos paralelos para esta representação zoomórfica.

Das cerâmicas comuns de pastas castanhas/alaranjadas da denominada loiça de cozinha, destacam-se as painéis, os púcaros e sertãs. As sertãs, ou caçoilas tendem a apresentar corpos carenados, e superfícies internas brunidas.

Dentro da loiça de mesa, para além das malgas e tigelas vidradas, aparecem também alguns exemplares dentro das mesmas formas, mas sem vidrado. Alguns destes recipientes são decorados por pintura esquemática a branco (fig.10D).

Neste grupo de cerâmicas comuns, de pastas castanhas/alaranjadas destacam-se ainda alguns objectos de uso complementar, como os alguidares e as tampas de painéis.

Os alguidares encontramos-os nos mais diversos tamanhos, apresentam de uma forma geral bordos boleados de secção semicircular, ou em aba plana ou ligeiramente oblíqua, corpo troncocónico invertido e fundo plano.

Um destes exemplares, recolhido em níveis de derrube no Sítio 3, apresenta bordo em aba plana, de secção rectangular, as paredes do corpo são ligeiramente convexas terminando num fundo plano. O destaque dado a esta peça advém do facto dela se encontrar profusamente decorada quer no corpo quer na parte superior do bordo por linhas incisadas onduladas. No bordo o motivo é descontínuo, e na parte do corpo as incisões são compostas por duas séries distintas de linhas incisadas onduladas. A que se encontra junto ao bordo apresenta uma linha de incisões onduladas contínua, a segunda série é composta por linhas incisadas dispostas de forma oblíqua a formar SS.

Grande parte dos fragmentos de alguidar que recolhemos apresentam vestígios de reparações, visíveis nos pequenos orifícios para colocação de "gatos". Este facto reflecte tanto a relativa pobreza destas populações, por um lado, como o quão difícil seria arranjar este tipo de produtos.

Dentro do espólio recolhido refira-se ainda a presença de parte de um pequeno tabuleiro de jogo, em cerâmica, bem como de algumas pedras de jogo feitas a partir de fragmentos de cerâmicas de construção ou cerâmica comum reaproveitadas. Alguns pequenos seixos de rio poderão também ter sido utilizados como pedras de jogo.

Não foi recolhida qualquer torre de roca, tão característica destes Sítios islâmicos, e os únicos objectos que se podem relacionar com uma actividade relacionada com a tecelagem reportam-se apenas a alguns cossoiros e pesos de tear (fig.10C), em número muito reduzido.

De particular interesse é sem dúvida alguma o aparecimento dentro dos materiais cerâmicos de pastas vermelhas e não vidrados, de uma pequena pia de abluções. Têm vindo a ser encontrados objectos similares noutras estações arqueológicas do período islâmico, relacionando-se com as práticas

religiosas destas populações.

Esta peça apresenta uma forma rectangular, com bordo plano, paredes oblíquas a terminar num fundo plano. O bordo da peça encontra-se decorado por estampilhas, representando motivos geométricos e epigráficos que se repetem sempre em seu redor.

Um dos paralelos que podemos apresentar para esta peça trata-se, por exemplo, de um recipiente encontrado no Castelo de Silves (GOMES e GOMES 2001, p. 67 peça nº 59), embora o exemplar de Silves apresente uma cobertura com esmalte de cor verde.

Dos materiais de construção em cerâmica destacam-se as telhas de meia-cana, utilizadas na cobertura dos diversos compartimentos. Estes elementos apresentam-se quase sempre decorados, quer por digitações a descreverem traços ondulados na parte convexa da peça, quer por impressões digitadas nos seus lados maiores, conferindo-lhes um rebordo denteado. Raras foram as telhas que se encontraram que evidenciavam decorações incisadas, desenhando motivos a ondulados ou reticulados. Dos fragmentos inteiros pudemos observar que medem 0,46 m de comprimento por 0,20 de largura no lado maior e 0,12 m no lado menor, com uma espessura média em torno dos 0,02 m.

Dentro das cerâmicas de construção encontramos ainda algumas tijoleiras, mas acreditamos que estas, pela sua exclusividade, poderão tratar-se de materiais reaproveitados de construções mais antigas, provavelmente do período romano.

De uma forma geral todo o conjunto ceramológico evidencia boa qualidade de fabrico, quer pelas pastas que se apresentam na sua maioria bem depuradas, quer na própria confecção dos objectos. Denotam um fabrico a torno rápido e cozaduras em ambiente oxidante, raras vezes a ambiente redutor. As cerâmicas de pastas esbranquiçadas, na sua maioria com desengordurantes muito finos, tendem a relacionar-se mais com determinados recipientes. Encontramos-las nos bules, noutros pequenos contentores de líquidos e algumas talhas, embora também figurem noutras formas, como as tampas, por exemplo.

Se a pintura a branco se encontra em vários recipientes com pastas de cor alaranjada/acastanhada, alguns dos recipientes de pastas esbranquiçadas apresentam uma decoração com motivos a castanho ou negro de manganés. Em ambos os casos essa decoração, independentemente de se tratar de cântaro ou trípede, de bule ou tampa, é esquemática. Feita com dedadas e/ou traços de larguras variáveis, por vezes aternando linhas verticais com linhas onduladas.

Do grupo de metais gostaríamos de destacar o aparecimento de duas moedas, ambas do Sítio 2, uma chave e um pequeno martelo em ferro, bem como o fragmento de uma muito provável alfaia agrícola também em ferro. Ainda dentro dos objectos metálicos encontramos um pratinho de balança, perfurado, em folha de bronze, semelhante a um outro objecto do género encontrado nas escavações do Castelo Velho de Alcoutim.

Muito poucos foram os fragmentos de vidro recolhidos na

escavação dos alcariais de Odeleite, e encontram-se de tal maneira fragmentados que não conseguimos relacioná-los com a forma do recipiente a que pertenciam.

Recolhemos ainda um número significativo de material osteológico, relacionado com os hábitos alimentares dos habitantes da alcaria. Acreditamos que através do seu estudo, que se quer para breve, se possa esclarecer ou confirmar alguns aspectos relacionados com a dieta alimentar desta população.

Cronologicamente, os fragmentos cerâmicos recolhidos durante a escavação dos alcariais de Odeleite enquadram-se num período compreendido entre os séculos XI e o século XIII, pelo que acreditamos que esta alcaria tenha pervivido

por um período de quase duas centenas de anos. Da fase de abandono são características cerâmicas do período almóada, dos níveis de revolvimento aparecem-nos sobretudo as cerâmicas vidradas com decorações esquemáticas a manganês, a par de alguns fragmentos de *verde e manganês* que acreditamos tratem-se de recipientes relacionados cronologicamente com o final do período califal, início dos reinos de taifas. Estas observações têm em linha de conta não só as observações da escavação desta estação arqueológica, mas também as cronologias apontadas pelos mais diversos investigadores que se têm debruçado sobre a análise destas cerâmicas.



Fig.10 - Alguns dos materiais cerâmicos encontrados nos Alcariais de Odeleite.

5. Conclusão

Continuam a ser em número muito reduzido as escavações arqueológicas levadas a cabo em povoados rurais do período islâmico no nosso país, pelo que a intervenção nos alcaria de Odeleite se reveste de extrema importância.

Acreditamos estar perante um povoado de tipo alcária (*qarya*), que de uma forma geral designa uma povoação cujas unidades habitacionais e respectivas propriedades pertencem a uma série de proprietários livres (Catarino, 1997/8, p. 671).

A implantação topográfica desta alcária, distribuindo-se as diversas casas que a compõem em encostas de cabeços relativamente destacados na paisagem, obedece com rigor a preceitos defendidos em alguns tratados islâmicos, aconselhando-se os lugares elevados e arejados no estabelecimento das povoações (Catarino, 1997/8, p. 550).

Traduz-se numa forma de povoamento disperso, agrupado em unidades habitacionais distintas, corroborando as investigações sobre este género de habitats noutras regiões do Al-andalus (Bazzana, 1992, p. 318).

Esta povoação implantou-se nas imediações de um vale fértil, irrigado pelas águas da ribeira de Odeleite. Esta ribeira, essencial à vida desta população, seria também uma via privilegiada de comunicação, ponto de partida de produtos agrícolas, que alimentariam alguns centros urbanos e de chegada de produtos manufacturados.

As zonas férteis deste vale levam-nos a equacionar a possibilidade da prática de uma agricultura centrada em parte no regadio, ainda que em consonância com práticas agrícolas de sequeiro, provavelmente localizadas em zonas mais elevadas. O cultivo de cereais está atestado quer pela presença de estruturas relacionadas com o seu armazenamento, quer pela presença de vários elementos de mós rotativas identificadas em algumas habitações desta povoação. A agricultura, a par com a pastorícia, seria a base da economia destas populações.

Não sabemos ao certo de quantas unidades habitacionais se compunha esta alcária, nem sabemos tão pouco qual a sua verdadeira extensão. Tivemos ainda assim oportunidade de escavar de forma praticamente integral seis dessas vivendas islâmicas, e parcialmente outras três. Acreditamos estar perante uma grande alcária, com certamente mais de uma dezena de habitações, dispersa ao longo de plataformas mais ou menos regulares localizadas no topo de pequenos cabeços, alguns com domínios visuais reduzidos.

A planta das diversas unidades habitacionais postas a descoberto obedece sempre a um modelo arquitectónico comum, a casa de pátio. Em planta apresentam-se com uma configuração em U ou, mais raramente, em L, dispondo-se todos os elementos principais do núcleo habitacional em redor do pátio central. Todas as habitações se desenvolvem sobre um único piso térreo, não tendo ficado demonstrado em nenhuma

delas a existência de pisos superiores.

Este modelo é recorrente quer em contextos urbanos, com maior número de exemplos conhecidos, quer em contextos rurais, destacando-se no nosso território os exemplos do povoado rural de Alcária Longa, em Mértola (Boone, 1993) e do pequeno Sítio rural¹⁰ dos Alcaria dos Guerreiros de Cima, em Almodôvar (Melro, S; *et al*: 2004). Em ambos os casos este modelo da casa de pátio encontra-se presente. Parecem cada vez mais reforçadas as palavras de André Bazzana (1990, p. 248) quando este diz que a casa Hispano-muçulmana é a casa de pátio.

As dimensões do pátio são determinadas por vários factores. Em primeiro lugar por factores de ordem social, como o maior ou menor número de pessoas dentro do agregado familiar e da respectiva posição sócio-económica do mesmo. Em segundo lugar por factores climáticos, de modo a permitir que no verão praticamente toda a área do pátio se encontre protegida de uma radiação solar directa e no inverno não permitir grandes perdas de calor. A disposição dos vários edifícios em torno deste espaço aberto, permitem minimizar os impactos de climas verdadeiramente extremos, podendo atingir no verão temperaturas superiores a 40º centígrados. Dentro destas unidades habitacionais importa referir que a funcionalidade dos vários compartimentos poderá eventualmente ser alterada de acordo com a estação do ano, uma vez que o seu interior é afectado pelo clima, procurando-se de verão zonas mais amenas para se habitar e nos invernos áreas menos expostas ao frio. Estas situações traduzem-se naquilo a que alguns investigadores designam por nomadismo ou migração interna, quer aconteça no decurso de um dia ou ao longo de uma estação do ano.

No que diz respeito às dimensões destas casas, encontramos semelhanças com construções idênticas em contexto urbano na Península Ibérica. Veja-se, por exemplo, a casa IV do solar municipal da Praça de Belluga, em Múrcia. Esta habitação, em pleno coração da cidade islâmica, ocupa uma área de 120 m² (Jimenez Castillo; Navarro Palazón, 2002, p. 513), correspondendo a uma área ligeiramente inferior a uma das nossas maiores casas, a casa II do Sítio³ com 138, 73 m². Claro que as dimensões de algumas casas urbanas são bastante inferiores a estas casas rurais, em Mértola, por exemplo, a área das casas até à data escavadas oscila entre os 45 e os 88 m² (Macias, 1996, p. 69), áreas bastante inferiores em relação ao grosso das vivendas islâmicas escavadas nesta alcária. No entanto, também nos alcaria de Odeleite se escavaram casas com pouco mais de 40 m², como parecem ser os exemplos demonstrados pelas casas V e VI, do Sítio 2, sem contabilizarmos a área ocupada pelo logradouro da casa V.

Por outro lado temos em ambiente urbano exemplos de casas com áreas enormes, veja-se a título de exemplo o caso das casas 1 e 2 do povoado de Vascos (Izquierdo Benito, 1990, p. 147), cada uma delas com 320 m², ou a casa 5 de

10 - Trata-se segundo os autores, de uma Al-diya, que se caracteriza por uma exploração agrícola privada, propriedade fundiária explorada pelo proprietário ou por camponeses locatários, podendo por vezes transformar-se numa pequena aldeola.

Syiasa com 234 m² (Navarro palazón, 1990, p. 178), embora esta última deva as suas dimensões à anexação de uma vivenda vizinha.

Pelo que foi exposto não se evidenciam grandes diferenças no que toca à arquitectura dos conjuntos referidos, uma vez que todas elas obedecem ao mesmo modelo, nem às dimensões das várias casas enunciadas¹¹. A casa de pátio urbana é mais rica, utiliza na sua construção e decoração interior elementos mais sumptuosos, destoando aqui sim com a sua parente pobre, a casa rural.

Nota-se que existe na casa urbana uma clara delimitação de alguns espaços, nem sempre visíveis nos espaços internos da casa rural. As alcovas, nalgumas casas urbanas encontram-se perfeitamente destacadas dentro dos salões principais da casa, ocupando uma ou duas das extremidades desta sala, numa zona quase sempre sobrelevada em relação ao piso de circulação deste compartimento. Esses espaços diferenciados não são tão evidentes na casa rural islâmica, o que pode reforçar a ideia de uma maior mobilidade interna no seio destas habitações rurais.

Tal como em praticamente todas as casas urbanas, também algumas destas casas dispunham de latrina. A latrina identificada na casa III do Sítio 3, é de planta rectangular e situa-se num dos cantos do pátio desta casa, a área e a planta deste pequeno compartimento, com apenas 2.40 m², é idêntica a outras estruturas do género encontradas em Sítios islâmicos do Algarve oriental, nomeadamente no Castelo Velho de Alcoutim e no Castelo das Relíquias (Catarino:1997/98, p. 729). Encontram-se também presentes numa das habitações - casa V- do Sítio dos Guerreiros de Cima, na região do baixo Alentejo (Melro *et al*, 2004, p. 68).

Para além de estruturas habitacionais, nas casas escavadas nos alcariaais de Odeleite, foram identificadas outras estruturas que se relacionam com outro tipo de estruturas, como cercados, currais e eventuais locais de armazenagem. Estas estruturas, obviamente mais raras em contextos urbanos, parecem estar presentes na maioria dos Sítios rurais islâmicos escavados no nosso país. Em Alcaria Longa, Boone coloca a hipótese de alguns compartimentos terem funcionado como currais, e nos Guerreiros de Cima, uma das estruturas escavadas relaciona-se também com um cercado, à semelhança daquele que pusemos a descoberto numa das casas dos alcariaais de Odeleite, ainda que a sua configuração seja bastante diferente do exemplar dos Guerreiros.

Nalgumas casas escavadas nos alcariaais de Odeleite foi possível verificarmos algumas alterações à planta inicial da casa. Essas mudanças ocorrem na medida em que a casa, qual organismo vivo, na designação de Guichard, se vai ajustando às necessidades do seu tempo, às mudanças no seio da família que acolhe e às alterações, porque não, sócio-económicas dos respectivos proprietários. Tal como já o demonstraram outros estudos referidos por alguns investigadores (Guichard *et* Staebel, 1995, p. 48), existe uma tendência clara de se manter uma certa coesão dentro de um núcleo

familiar alargado. As novas casas tendem a reagrupar-se em torno de espaços comuns, essa situação encontra-se bem patente na fase II da casa II do Sítio 3. Verificámos que um espaço habitacional comum haveria de ser transformado em duas unidades habitacionais distintas.

Para finalizar queremos apenas referir uma vez mais que pelo que foi exposto, bem como pela análise dos materiais encontrados no decorrer da nossa intervenção no Sítio dos alcariaais de Odeleite, pensamos estar perante uma grande alcaria que se terá estabelecido durante a fase final do período califal e inícios dos reinos de taifas, cronologicamente em torno de meados do século XI. Trata-se de um período coincidente com a fase de abandono de alguns castelos território, *husun*, da região, constituindo-se como o exemplo mais emblemático o Castelo Velho de Alcoutim.

A ocupação desta alcaria ter-se-á mantido de forma ininterrupta, até ao período almóada, como comprovam os materiais recolhidos nas camadas correspondentes ao abandono deste local.

Esta cronologia proposta para o início de ocupação deste povoado vai de encontro às cronologias apontadas por alguns autores, quando referem que com o estabelecimento do califado omíada e os inícios dos reinos de taifas, período compreendido entre os séculos X e XI, parece verificar-se por todo o território do Al-andalus um aumento significativo do povoamento rural (Catarino, 1997/8, p. 556).

Pensamos que de alguma maneira este trabalho contribuiu para um conhecimento mais aprofundado sobre o povoamento rural islâmico no nosso país, cientes, no entanto, de que existe ainda um longo caminho a percorrer na abordagem deste tema nas suas múltiplas vertentes.

11 - Excepção feita às casas 1 e 2 de Vascos com áreas excepcionais, bem como à casa 5 de Syiasa.

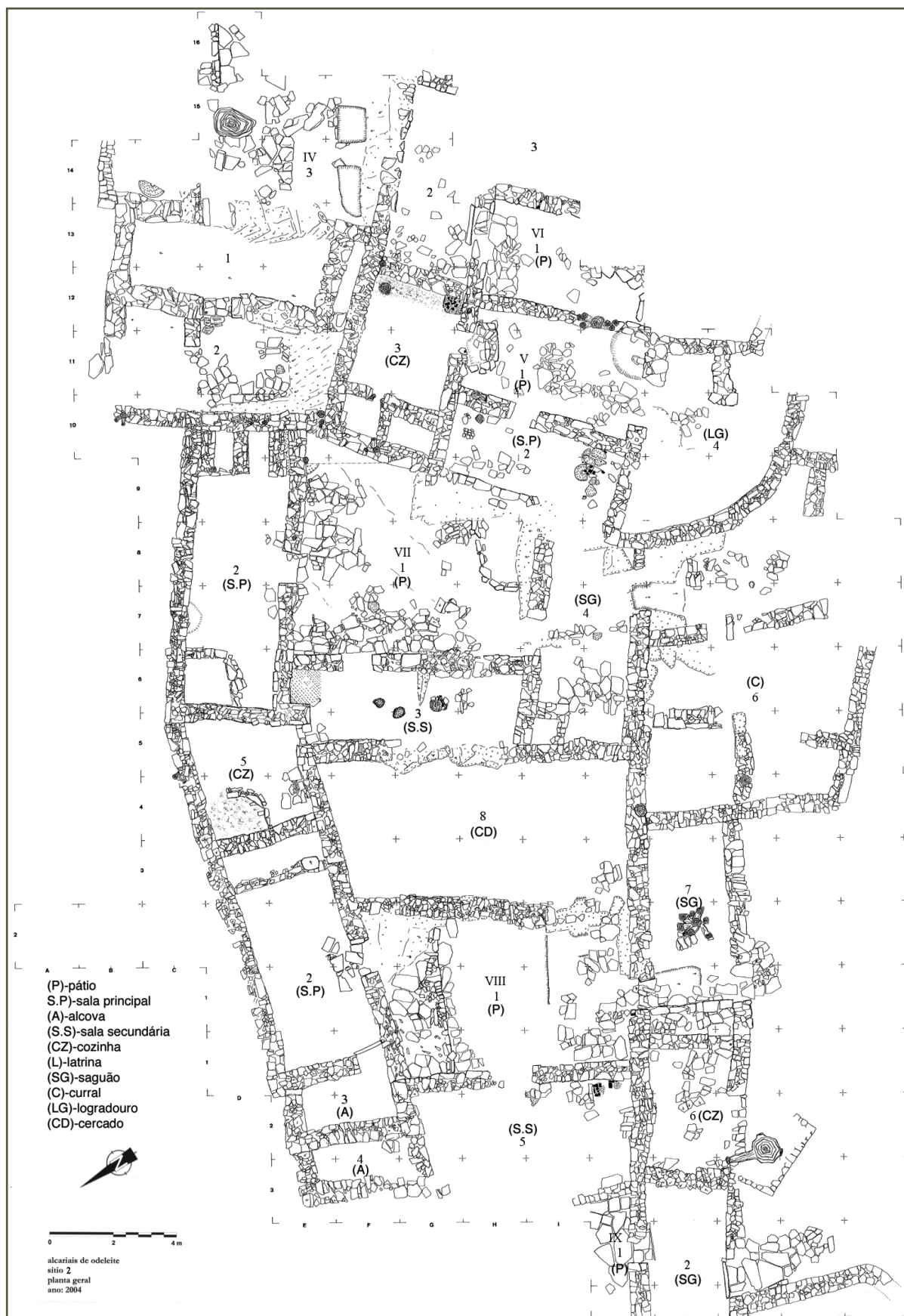


Fig. 11 - planta geral do Sítio 2.

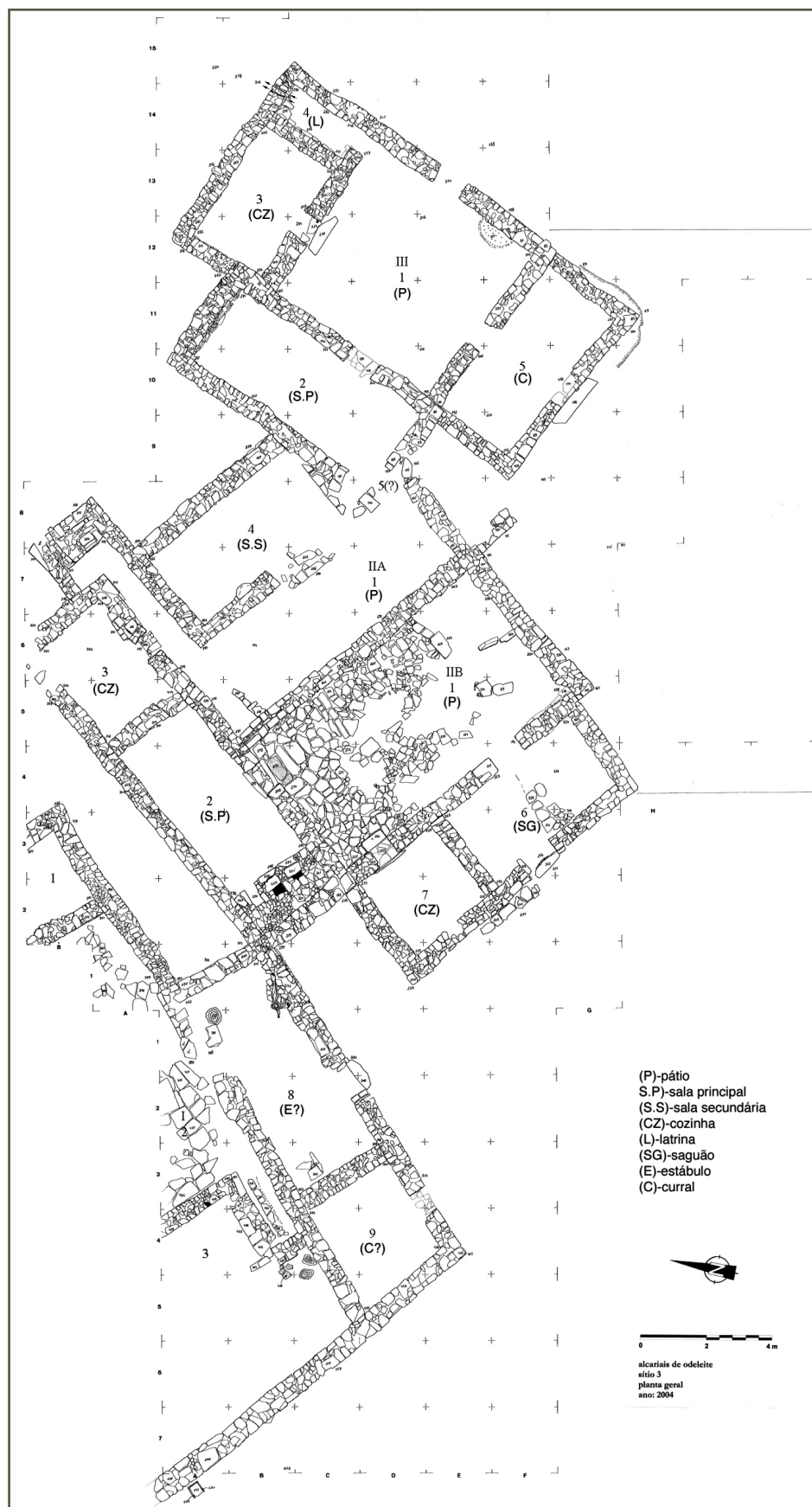


Fig.12 - planta geral do Sítio 3.

6. Bibliografia

- BAZZANA, A. (1990) - Maisons rurales du Sharq AL-Andalus. Essai de typologie. In *La casa hispano-musulmana. Aportaciones de la arqueologia*. Granada: Publicaciones del Patronato de la Alhambra y Generalife., p.247-267.
- BAZZANA, A. (1992) -Maisons d'Al-Andalus. Habitats médiévaux et structures du peuplement dans l'Espagne orientale. 2.vols, nº37. Madrid: Collection de la Casa Velázquez.
- BAZZANA, A. (1996) - Foyers et fours domestiques dans l'architecture rurale d'Al-Andalus. *Arqueologia Medieval*. Mértola. 4, p. 139-163.
- BERTRAND, M.; CRESSIER P.; MALPICA CUELLO, A. e ROSSELLO-BORDOY, G. (1990) – La vivienda rural medieval de “El Castillejo” (Los Guajares, Granada). In *La casa hispano-musulmana. Aportaciones de la arqueologia*, Publicaciones del Patronato de la Alhambra y Generalife. Granada, p.207-227.
- BOONE, J. (1993) - The third season of excavations at Alcaria Longa. *Arqueologia Medieval*. Mértola. 2, p.111-125.
- CATARINO, H. (1997/1998) - Algarve oriental durante a ocupação islâmica. Povoamento rural e recintos fortificados. *Al-'ULY'A*. Loulé. 6, 3 Vols.
- GOMES, R. V. e GOMES, M. V. (2004) - O Ribat da Arrifana (Aljezur, Algarve). Resultados da campanha de escavações arqueológicas de 2002. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa, 7. nº1, p. 483-573.
- GOMES, M. V. (1995) - Cerâmicas islâmicas do poço da Hortinhola (Moncarapacho, Olhão). In *Segundas Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval- métodos e resultados para o seu estudo*. Tondela, p. 33-42.
- GOMES, M. V. e GOMES, R. V. (2001) - *Palácio almôada da alcáçova de Silves*, Lisboa: Instituto Português de Museus/Museu Nacional de Arqueologia de Silves.
- GUICHARD, P. e VAN STAEVEL, J. (1995) - La casa andalusí: ensayo de lectura antropológica. In *Casas y palacios de AL-Andalus. Siglos XII-XIII*. Barcelona/Madrid: Lunwerg Editores S.A., p. 45-51.
- IZQUIERDO BENITO, R. (1990) – La vivienda en la ciudad hispanomusulmana de Vascos (Toledo). Estudio arqueológico. In *La casa hispano-musulmana. Aportaciones de la arqueologia*. Granada: Publicaciones del Patronato de la Alhambra y Generalife., p.147-162.
- JIMÉNEZ CASTILLO, P. e NAVARRO PALAZON, J. (2002)- Casas y tiendas en la Murcia Andalusí. Excavación en el solar Municipal de Plaza de Belluga. *Memorias de Arqueologia*, 10, Murcia.
- KHAWLI, A. (1993) - Introdução ao estudo das vasilhas de armazenamento de Mértola islâmica. *Arqueologia Medieval*. Mértola. 2, p. 133-145.
- (1997) - La famille des Banu Wazir dans le Garb d'al-Andalus aux XII et XIII siècles. *Arqueologia Medieval*. Mértola. 5, p. 103-115.
- MACIAS, S. e TORRES, C. (1995) - Consumo alimentar e utensílios de cozinha. In *Segundas Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval- métodos e resultados para o seu estudo*. Tondela, p.67-80.
- MACIAS, S. (1996) - *Mértola Islâmica. Estudo histórico-arqueológico do bairro da alcáçova (séculos XII-XIII)*. Mértola.
- MACIAS, S. (2005) – *MÉRTOLA, O último porto do Mediterrâneo*. Campo Arqueológico de Mértola, 3 vols.

MELRO, S.; GONÇALVES, A.; CLÉLIA, S. (2004) - Intervenção Arqueológica nos Alcariaais dos Guerreiros de Cima. *Era-arqueologia, revista de divulgação científica de estudos arqueológicos*. Lisboa. 6, p. 62-81.

NAVARRO PALAZÓN, J. (1990) – La casa andalusí de Siyasa: ensayo para una clasificación tipológica. In *La casa hispano-musulmana. Aportaciones de la arqueologia*. Granada: Publicaciones del Patronato de la Alhambra y Generalife., p.117-198.

NAVARRO PALAZÓN, J. (2005) – Estudio arqueológico del despoblado andalusí (s.XI-XIII). In *Historia de Cieza, Vol.II*.

Agradecimentos:

À Dr^a Olga Fonseca pela tradução do resumo para a língua francesa.